

Canal Brasil revive o terror de Zé do Caixão em mostra

PÁGINA 2



Curta do filho de John e Yoko concorre ao Oscar

PÁGINA 3



Detonautas dão uma pausa na fase ativista

PÁGINA 6



## 2º CADERNO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**A**o se debruçar sobre a produção cinematográfica da Região Centro-Oeste do país, a mostra “Do Coração do Brasil”, que abre suas atividades e projeções nesta terça-feira, às 16h30, na Caixa Cultural, faz sua arrancada com um “parabéns pra você” tardio aos 80 anos de um dos mais ousados campeões de bilheteria de nosso audiovisual: o mato-grossense-do-sul David Cardoso.

Não é todo dia que o Hamlet do Cinema Marginal – ele viveu Omeleto no cult “A Herança”, de Ozualdo Candeias, sob inspiração do Príncipe da Dinamarca -, vem ao Rio, em especial para falar de sua obra anfíbia, de ator e diretor. Ponha a proficiência de produtor em sua filmografia, que já soma seis décadas. “Desejo Selvagem”, produção de 1979 no qual ele peita um dono de terras no papel do piloto de avião Tigre, é o título inaugural da retrospectiva com 21 produções desenvolvidas nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e no Distrito Federal. Sua imagem de galã, associada ao filão erótico, transborda potência e carisma nesse filme escalado para a abertura do evento.

“Sou um Sylvester Stallone de um cinemão que acabou”, diz o astro, que se lançou (também) como diretor em “Dezenove Mulheres e Um Homem”, visto por 1 milhão de pagantes (em cifras oficiais), em 1977. “Nunca tive um processo trabalhista. Chegava sexta-feira, eu pagava todo mundo, sem

Reprodução



David Cardoso jovem

Reprodução



O ator estrela ‘Dezenove Mulheres e Um Homem’

Divulgação



‘Frontera’ é um dos títulos mais recentes do astro

# ‘Fui o Sylvester Stallone de um cinemão que acabou’

Do alto de 39 longas, o ator, diretor e produtor David Cardoso é homenageado em mostra na Caixa Cultural



Divulgação

Filmes de David Cardoso tiveram grandes bilheterias

atrasar, e não guardava dinheiro de ninguém. Pagamento era em dia. Quem investiu nos meus filmes,

recebia de cara assim que a bilheteria saía. Meu único erro foi não ter seguido o conselho de um dos

maiores artistas desse país, o Mazzaropi, que me sugeriu de eu ser o meu próprio distribuidor e não

deixar meus filmes nas mãos dos outros”.

Nos tempos em que a porno-chanchada era a maior diversão, o nome de Cardoso nas arcadas das salas de exibição eram ímãs de plateias. Narrativas regadas de tesão associadas à sua figura de Apolo do Mato Grosso do Sul lotavam dia após dia. É o caso de “A Noite das Taras”, codirigida por ele, em 1980, e prestigiada por 2 milhões de pagantes. “Cinema é uma indústria que precisa dar retorno e, no meu negócio, que é fazer filmes, havia sucesso. Tanto é que eu deixei um legado de 39 produções. Tinha um parceiro criativo, que era o Ody Fraga, um grande cineasta que escrevia os filmes pra mim. Como ecologista militante, filmei muito no Pantanal e dei oportunidade pra muita gente”, diz o ator, que estrelou “A Moreninha”, em 1970, ao lado de Sonia Braga. “Hoje eu sigo fazendo meus filmes. Rodei uns onze títulos nos últimos dez anos, como ‘Frontera’. Não tenho a pretensão de ser melhor ator do que ninguém, mas pouca gente, na arte, trabalhou ou trabalha tanto como eu, e já com 80. Sei que o glamour da telona acabou. Ninguém vai mais às salas de projeção como iam no passado. Mas não significa que o sonho de fazer cinema independente no Brasil tenha acabado”.

Neste sábado, a mostra “Do Coração do Brasil” exhibe “A Cidade É Uma Só”, do aclamado Adirley Queirós. Na terça, o destaque é o documentário “Chão”, de Camila Freitas, que mostra a ocupação de uma usina em processo de falência pelo Movimento Sem Terra, entre outros.

# Bênção, Seu Zé



*Derradeira  
aparência de  
Mojica como  
Zé do Caixão  
é uma aula de  
antropologia...  
e de terror*

Canal Brasil celebra o maior mestre do terror da América Latina, José Mojica Marins, o Zé do Caixão, com mostra de seus cults, em versão remasterizada

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**E**mbaixador da América Latina no Quinto dos Infernos, o coveiro Josefel Zanatas, mais conhecido como Zé do Caixão, vai assombrar a plateia do Canal Brasil até 1º de abril numa retrospectiva que se candidata ao pódio da excelência, na luta pela preservação de nossas memórias. Na triagem de nossos heróis (culturais), seu valor é inestimável, dada a relevância do que o criador desse exu audiovisual, o cineasta José Mojica Marins (1936-2020), fez pelo nosso imaginário.

“Mojica é o pai e a maior referência do terror no cinema brasileiro”, diz André Saddy, diretor-geral do Canal Brasil e um de seus sócios. “Abriu caminhos para produzir filmes populares de um gênero até então pouco explorado. Filmes que se tornaram cult no Brasil e no mundo. De onde estiver, nosso Zé do Caixão estará certamente rogando uma praga para quem perder esta oportunidade”.

Foi em 9 de novembro de 1964, no cine Art-Palácio de São Paulo, que “À Meia-Noite Levei Sua Alma” fez sua estreia comercial em salas de exibição, demarcando a gênese do cinema (autoral) de terror brasileiro, inaugurando o império simbóli-

co de Marins. Quem quiser ver ou rever essa joia, basta sintonizar a partir de 23h59 no Canal Brasil.

Na sequência, à 1h25, vai rolar “Delírios de um Anormal” (1978), e às 2h50, tem “A Estranha Hospedaria dos Prazeres” (1976). No dia seguinte, à 0h de quinta, é a vez de cópia remasterizada de “O Estranho Mundo de Zé do Caixão” (1968). “Sempre começando à meia-noite, como ele gostaria”, diz Saddy.

## Trilogia histórica

Realizador, ator, produtor, argumentista, ele ganhou prestígio sob a persona de Zé do Caixão, personagem que o consagrou, importado pelos Estados Unidos, a partir do Festival de Sundance, rebatizado em inglês de Coffin Joe. “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver” (1967) e “Encarnação do Demônio” (2008) formam uma espécie de trilogia histórica, atropelada pela ditadura militar e problemas políticos do Brasil.

Em meados de 2023, sua

obra regressou ao écran com a estreia de “A Praga”, um projeto produzido originalmente em 1980, que não chegou a ser concluído e era dado como perdido. O Canal Brasil vai exibí-lo a partir de 1h50 desta sexta. Foi o diretor Eugênio Puppó (fã de Mojica) que resgatou esse filme do limbo.

Sua trama vem de um episódio do programa de televisão “Além, Muito Além do Além”, com Mojica, escrito por Rubens Francisco Lucchetti e exibido pela TV Bandeirantes entre 1967 e 1968. Esta primeira versão da história se perdeu em um incêndio na emissora e, em 1980, Mojica decidiu refilmá-la, mas não conseguiu concluir o trabalho.

Após mais de 15 anos empenhado na recuperação das obras de Mojica, Puppó finalmente conseguiu encontrar os rolos de filme originais do projeto, que eram considerados perdidos. Trabalhou na correção de cores e na remasterização sonora, encomendando ainda uma dublagem pra substituir as gravações das

vozes originais, que não foram encontradas. Esse processo rendeu um curta e foi incorporado como introito da versão que foi lançada em 2023 nos cinemas, com Zé do Caixão em cena, como narrador.

No enredo, o casal Marina (Sílvia Gless) e Juvenal (Felipe von Rhine) esbarra com uma misteriosa idosa (Wanda Cosmo) durante um passeio pelo campo. Irritada ao ser fotografada pelo rapaz, a velha senhora revela ser uma bruxa e joga uma maldição em Juvenal: uma ferida vai se abrir em seu corpo. O problema: a ferida faz com que ele tenha uma fome insaciável por carne crua.

A forma como Mojica retrata a magia dialoga com um imaginário universal de fantasia. A montagem esbanja inventividade, como tudo o que cerca o Zé do Caixão. Esse reencontro com sua forma de pensar a imagem, com sua poética macabra, reforça o compromisso do Canal Brasil com a diversidade, nas raízes da fantasia.

Por Fernanda Ezabella (Folhapress)

**“A** guerra acabou, se você quiser”. A mensagem pacifista criada por John Lennon e Yoko Ono embala um curta-metragem de animação indicado ao Oscar, criado com ajuda do filho do casal, o músico Sean Lennon. Não que sua mãe seja fã de desenhos animados.

“Talvez ela tivesse dúvidas sobre o que eu estava fazendo, mas não controlou muito. Agora com a indicação ao Oscar, me sinto justificado”, diz Lennon. “Ela gostou do filme, ainda que, honestamente, animação não é a dela. Ela gosta mais de filmes sérios, filmes dos anos 1960, não entende bem essa coisa de cartum”.

Aos 91 anos completados neste mês, Ono tem deixado o filho de 48 anos mais à vontade para cuidar do legado da família. “Ela está me deixando tentar coisas novas, experimentar e correr riscos. Me sinto grato”, disse.

O curta “War is Over!” traz a música “Happy Xmas (War Is Over)”, lançada em 1971 com o propósito de ser repetida à exaustão nas festas de final de ano. No meio do refrão fofo de “feliz Natal” e “feliz Ano Novo”, a mensagem pacifista surge sutil, em coro: “a guerra acabou, se você quiser”, slogan da campanha do casal contra a Guerra do Vietnã.

“Na época, meus pais foram muito criticados porque achavam que a mensagem era muito simplista e ingênua [...] Tanto tempo se passou e ela continua relevante”, disse Lennon.

“E é a pura verdade: se todos quisessem parar de lutar, a guerra terminaria. Há algo de brilhante nesta mensagem, é quase um meme. Mas, por ser enganosamente simples, as pessoas olham com cinismo.”

“War is Over!” acompanha dois soldados em lados opostos que jogam xadrez à distância no meio da guerra. Os dois não se conhecem e se comunicam com a ajuda de um pombo correio, que leva e trás num papelzinho os movimentos das peças de cada jogador.

Lennon lembra de como sua mãe costumava ganhar todas as partidas de xadrez quando era garoto. Até que ele comprou um livro, estudou, e virou a mesa. Ela não acreditava. “Quando contei do livro, minha mãe brincou que eu estava trapaceando. Ela me motivou a estudar”, lembrou Lennon, que joga xadrez com frequência no Chess.com.

O projeto do curta começou em 2021, quando a gravadora Universal resolveu fazer um videoclipe para celebrar os 50 anos da música “Happy Xmas (War Is Over)”. Porém, depois de ver o tratamento de uns dez diretores, Lennon decidiu ir atrás de algo diferente.



Sean Lennon concebeu e produziu o curta-metragem “War Is Over! Inspired by the Music of John & Yoko”

## Sonhos que não se dissipam

### Filho de John Lennon e Yoko Ono disputa Oscar com curta inspirado em canção dos pais

Um amigo em comum o apresentou a Dave Mullins, ex-diretor da Pixar, e de cara os dois jogadores de xadrez se deram bem e bolaram uma história para o curta de 12 minutos.

Mullins, indicado ao Oscar pelo curta “Lou”, de 2017, contou que era importante ter no filme um jogo de xadrez de verdade. Com ajuda do historiador Edward Winters, o curta reproduz uma partida de 1950 em 65 jogadas que termina de maneira inesperada, entre E. Bogoljubow e A.H. Trott.

“Os nerds de xadrez vão gostar”, garantiu Mullins, cofundador do estúdio ElectroLeague com o produtor Brad Booker, em Los Angeles.

Já a sugestão do pombo-correio, chamado Icarus, veio de Lennon, que afirmou ser “um grande fã de pássaros”. “Tenho um

pequeno fetiche por pássaros. Eles são tão espertos”, disse Lennon.



Divulgação

tor para “pedir conselhos” sobre a empreitada. Os dois haviam trabalhado juntos na série documental “Get Back”, e Jackson, conhecido adorador de Beatles e histórias de guerra, se interessou de imediato.

Várias técnicas foram usadas, como pinturas, desenho a mão e “performance capture”, quando atores encenam o roteiro e as cenas são transformadas em desenhos posteriormente. As filmagens aconteceram no estúdio de James Cameron, onde ele vem rodando os filmes de “Avatar”.

A equipe ficou tão focada na história que praticamente esqueceu a música. Encontrar o lugar certo para tocá-la foi um dos maiores desafios da produção, e o terceiro ato acabou sendo reescrito por conta disso. A trilha sonora é de Thomas Newman, que cria a tensão perfeita para a chegada do canção de John Lennon e Yoko Ono.

“Foi assustador, na verdade. Nada estava funcionando”, disse Lennon. “No final, encontramos um lugar perfeito, ainda que a música não toque inteira e continue nos créditos. Honestamente, nem sabíamos se poderíamos fazer assim. Afinal, originalmente queriam um videoclipe.”

Lennon não gosta de especular o que seu pai, assassinado em 1980, estaria fazendo nos dias de hoje em protesto contra as guerras atuais. “É um exercício fútil, não tem como acertar e eu não tenho a menor ideia”, disse.

“Seja lá o que você esperava dele, ele sempre mudava e te surpreendia. Meu pai estava sempre evoluindo e expandindo sua mente”, continuou. “Então, seja lá o que John Lennon fosse nos anos 1970, quais opiniões tinha aos 30 anos, certamente não seriam as mesmas de hoje.”

A animação foi feita por profissionais da ElectroLeague e da Weta, estúdio de Peter Jackson, depois de Lennon procurar o dire-

## CORREIO CULTURAL

OSB apresenta a  
**temporada 2024**

Concerto de abertura homenageia as mulheres na música e leva ao palco as timpanistas Fernanda Kremer e Beth Del Grande e a soprano Rosana Lamosa

Renato Mangolin/Divulgação

**A** “terra”, tema do ciclo 2023, e o conjunto de saberes de seu povo dão o tom da temporada 2024 da Orquestra Sinfônica Brasileira, intitulada “Territórios”. Uma celebração à diversidade musical construída nas relações entre as coletividades que criam, transformam e perpetuam tradições culturais. Ao longo do ano, as atividades da OSB irão explorar os diferentes sotaques musicais de diversos territórios, do Brasil e do exterior, levando o conceito para os palcos e atividades educacionais.

Nos dias 5 e 6 de março, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro e a Cidade das Artes receberão, respectivamente, os concertos de abertura da temporada, com um programa que enaltece a presença das mulheres na música. As timpanistas Fernanda Kremer e Beth Del Grande e a soprano Rosana Lamosa serão as solistas das apresentações, que contarão com regência do maestro convidado Cláudio Cruz - principal regente convidado em 2024.

Geralmente posicionados no fundo do palco, os tímpanos assumem posição prestigiosa na peça de abertura do espetáculo de abertura da temporada: o fervoroso Concerto Fantasia para Dois Timpanistas e Orquestra de Philip Glass. Escrita em 2000, a composição é uma contribuição significativa de Glass ao repertório de grande escala para percussão e faz um uso imaginativo e sofisticado dos instrumentos solistas.

Na Suíte Floresta do Amazonas, obra que aparece a seguir no programa, Heitor Villa-Lobos lança mão de toda sua engenhosidade criativa, consorciando cores, timbres, ritmos e texturas para dar vida musical à paisagem silvestre. Cantos de pássaros, ritmos dançantes, melodias de sabor folclórico compõem ao longo da suíte, enlaçados em um amplo espectro emocional que vai do vigoroso e dramático – como em “Conspiração e Dança Guerreira” –, ora comovente e lírico, como na conhecidíssima “Melodia Sentimental”.



Divulgação



Cillian Murphy (de chapéu) estrela ‘Oppenheimer’

## Promoção para assistir os favoritos ao Oscar 2024

A cerimônia de premiação do Oscar está chegando e a rede UCI exibe os principais longas indicados nesta quinta e sexta-feira (7 e 8) com meia-entrada a R\$ 10 para participantes do programa UCI Unique. Os ingressos estão disponíveis para compra. Entre os longas selecionados estão os recordistas de indicações “Oppenheimer”

(Chris Nolan) e “Pobres Criaturas” (Yorgos Lanthimos), além de “Barbie” (Greta Gerwig), “Vidas Passadas” (Celine Song), “Zona de Interesse” (Jonathan Glazer), “Assassinos da Lua das Flores” (Martin Scorsese), “O Menino e a Garça” (Hayao Miyazaki), “Anatomia de Uma Queda” (Justine Triet) e “Os Rejeitados” (Alexander Payne).

### Treta forte

O guitarrista Marcão Britto, um dos fundadores do Charlie Brown Jr., acusou em sua rede social Alexandre Lima Abrão, filho de Chorão, de usar um documento falso na disputa judicial pelo direito sobre a marca “Charlie Brown Jr”.

### Prorrogação

A Globo renovou com a Endemol o contrato de direitos de transmissão do Big Brother. Com isso, o BBB será produzido no país pelo menos até 2028. Em sua página no Instagram, Boninho disse que Tadeu Schmidt ficará na atração até 2027.

### Na estrada

Willie Nelson e família vão levar à estrada o Outlaw Music Festival, turnê que também terá shows de Bob Dylan e Robert Plant (ex-Led Zepelin), com Alison Krauss. O festival itinerante passará por diversas cidades americanas de junho a setembro.

### Polêmica

A expulsão de Wanessa Camargo do BBB 24 surpreendeu internautas. A cantora deixou a casa no sábado, após ter dado um tapa em Davi durante festa. Nas redes sociais há quem levante teorias da conspiração sobre o incidente.

O maestro Cláudio Cruz regendo os músicos da OSB

### SERVIÇO

#### ABERTURA DA TEMPORADA 2024 DA OSB

**5/3, às 19h**, no Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº – Cinelândia) | Ingressos:

frisa/camarote - R\$ 80 e R\$ 40,00 (meia); plateia/balcão nobre - (R\$ 80) e R\$40 (meia); balcão superior - R\$ 50,00 e R\$ 25 (meia); balcão superior lateral - R\$ 40 e R\$ 20 (meia); galeria - R\$ 30 e R\$ 15 (meia); galeria Lateral - R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

**6/3, às 19h30**, na Cidade das Artes (Avenida das Américas, 5.300 - Barra da Tijuca) | Ingressos:

plateia - R\$ 50 e R\$ 25 (meia); frisa - R\$ 50 e R\$ 25 (meia); camarote - R\$ 30 e R\$ 15; galeria - R\$ 10 e R\$ 5 (meia)

Por Cristiano Martins e  
Diana Yukari (Folhapress)

**C**aetano Veloso tinha acabado de se apresentar para 5 mil pessoas em Londres, ao lado de Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia. Foi ovacionado. Deixou transparecer, porém, uma ponta de ciúmes ao saber da enorme fila formada na cidade, dias antes, por fãs europeus à espera de outro grupo brasileiro: o Sepultura. “Eles são muito competentes no que fazem”, disse o cantor na ocasião. Era junho de 1994, e os metaleiros de Belo Horizonte ainda nem haviam alcançado o auge da fama, que os levaria a tocar em quase 80 países e mais de 800 cidades fora do país, numa soma que chega a quase 2 mil shows.

De volta às raízes, o quarteto formado atualmente por Andreas Kisser, na guitarra, Paulo Jr., no baixo, o vocalista Derrick Green e - após a inesperada saída do baterista Eloy Casagrande do grupo na última semana - o americano Greyson Nekrutman na bateria, abre na capital mineira nesta sexta-feira a turnê “Celebrating Life Through Death”.

Será a última de uma carreira de 40 anos que, mesmo irregular, não deve deixar de ser reconhecida como a mais exitosa de uma banda brasileira no exterior.

Levantamento da reportagem ajuda a dimensionar a base de admiradores que faz do Sepultura o maior expoente do rock brasileiro pelo mundo, ainda que não tenha feito tanto sucesso no próprio quintal com seus ritmos extremos e letras em inglês.

Desde a estreia internacional em setembro de 1989, na Áustria, cinco anos após sua fundação, a banda fez aproximadamente 2 mil shows em 76 países e 803 cidades fora do Brasil.

A lista vai aumentar em abril, quando a turnê de despedida chegar ao Panamá. “Já passamos por lá algumas vezes em escalas [de avião], mas agora vamos ter essa oportunidade”, diz Kisser.

O levantamento foi feito a partir dos dados de 2.337 shows



Divulgação

*Em clima de volta ao mundo, o Sepultura vai levar sua turnê final a 40 países*

# Um fenômeno nacional

Relembre a trajetória do Sepultura, a banda de rock brasileira de maior carreira internacional

registrados no site Setlist.fm, uma plataforma colaborativa alimentada e revisada por fãs. Inconsistências foram revisadas e contrastadas com informações fornecidas pela assessoria da banda.

O número de destinos visitados poderia ser maior. O Sepultura foi proibido de tocar no Egito, em 2016, e no Líbano, em 2019.

Na primeira ocorrência, autoridades interditaram o palco por falta de documentação - o país já tinha um histórico de repressão a fãs e bandas de heavy metal. Na segunda, os integrantes tiveram os vistos negados sob alegação de que seriam adoradores do diabo e apoiadores de Israel.

A banda havia passado por situação parecida no início dos anos 1990, no Peru, onde agora já somam três apresentações. “Tivemos

um show cancelado em Lima por essa coisa da censura religiosa”, diz o guitarrista.

Naquele momento, o Sepultura já era reconhecido fora do Brasil no ramo do metal. Cantando em inglês desde as origens, o grupo fez muito barulho na cena e não demorou a chamar a atenção da gravadora americana Roadrunner, em 1989. O disco “Beneath The Remains”, produzido no Rio de Janeiro, motivou a primeira excursão na Europa e na América do Norte.

“Arise”, gravado nos Estados Unidos, levou a banda ainda mais longe, com viagens inéditas para países da Oceania e Ásia, em 1992. A recepção na Indonésia, onde o trabalho renderia o primeiro disco de ouro do grupo, fez os integrantes se sentirem como John Lennon e Paul McCartney.

“Fomos perseguidos pelos fãs durante os dez dias que passamos lá, era tipo uma ‘beatlemania’ mesmo. Tocamos em estádio para mais de 60 mil pessoas”, diz Kisser.

Se até ali a nacionalidade parecia limitada aos passaportes dos integrantes, isso mudou no álbum “Chaos A.D.” (1993), ao qual incorporaram ritmos brasileiros e tribais, encontrando enfim um som original. O Sepultura estava na vanguarda do estilo quando quase se cruzou com os Doces Bárbaros em Londres, às vésperas de se tornar a primeira banda do Sul Global a tocar no festival Monsters of Rock, para 70 mil pessoas, dividindo o palco principal com Aerosmith, Pantera e Extreme.

O ápice se deu com “Roots”, de 1996, sua obra mais ousada. Com afinações mais graves e referências

tribais elevadas ao máximo, o disco alcançou a 27ª posição da Billboard entre os mais vendidos nos Estados Unidos.

“Sonoramente, foi o álbum mais poderoso que já ouvi”, disse Dave Grohl, líder do Foo Fighters, à Mojo Magazine em 2017. “Virou a referência para todos os álbuns que fizemos durante dez anos.”

O disco produzido por Ross Robinson - que também já havia trabalhado com o Korn - é frequentemente apontado como um divisor de águas para o que viria a ser o nu metal, ou new metal, subgênero mais popular do heavy metal nos anos 2000.

Mas mudou também os rumos da própria banda, pois aquela turnê acabaria de forma precoce após uma ruptura interna e a saída do vocalista Max Cavalera.

O Sepultura jamais voltou ao mesmo patamar de sucesso e influência global depois da separação, mas continuou alcançando novos horizontes na era Derrick Green. Ainda que tocando para públicos menores, a banda seguiu ampliando a contagem de praças inéditas visitadas a cada turnê: mais precisamente 14 países até a saída do baterista e cofundador Iggor Cavalera, irmão de Max, em 2006, e outros 25 desde então.

A média é de um show internacional a cada seis dias, mesmo sem retirar da conta períodos de férias e os dois anos de inatividade durante a pandemia da Covid-19, além das pausas em 1995 (nascimentos de filhos e produção de “Roots”) e 1997 (entre a saída de Max e a entrada de Derrick).

O histórico revela ainda que, à sua maneira, o Sepultura levou elementos do Brasil aos quatro cantos do planeta. Entre as mais tocadas ao vivo pela banda estão canções como “Ratamahatta”, uma parceria em português com o cantor baiano Carlinhos Brown; uma versão pesada de “Polícia”, dos Titãs; o instrumental “Kaiowas”, inspirado na resistência do povo guarani; “Guardians Of Earth”, sobre a defesa da floresta amazônica pelos indígenas; e um cover de “Da Lama ao Caos”, de Chico Science & Nação Zumbi.

## Detonautas quer priorizar música com nova turnê após ativismo contra Bolsonaro

Por Matheus Rocha (Folhapress)

**A**pós cerca de dez anos de espera, a banda Detonautas vai enfim embarcar em uma turnê acústica. A série de apresentações tem início neste sábado (2), no Tokio Marine Hall, na capital paulista, e passará por Curitiba, Rio de Janeiro, Juiz de Fora e Belo Horizonte.

“Vamos tocar canções que o público gosta e que fizeram bastante sucesso. A ideia é passar por baladas, mas também por músicas mais agitadas. Queremos ter um equilíbrio”, diz Tico Santa Cruz, vocalista da banda.

Durante o governo Bolsonaro, o Detonautas lançou músicas de protesto contra os rumos da política nacional, como “Não Existe Salvador da Pátria”, “Roqueiro Reação” e “Político de Estimação”.

O próprio Tico tecia com frequência críticas ao bolsonarismo, como no Rock in Rio de 2019. À época, ele xingou Bolsonaro e disse que o Brasil passava por um momento de ódio e intolerância. Em 2021, publicou um vídeo no Instagram defendendo o impeachment do ex-presidente.

Após os anos de ativismo político, Tico diz que agora quer priorizar a música. “A turnê é uma celebração. É um momento em que a gente coloca a música à frente de qualquer opinião e posicionamento, até porque todo mundo já sabe o que nós pensamos.”

A mudança de postura se deve, diz ele, ao amadurecimento. “Entendi que talvez tivesse me excedido comigo mesmo. Isso me trouxe um cansaço imensurável do ponto de vista mental. Se eu continuasse naquele ritmo, não ia aguentar mais muitos anos de trabalho.”

Estão no repertório da turnê sucessos que fizeram a cabeça dos jovens dos anos 2000, como “Outro Lugar”, “Quando o Sol se For” e “Olhos Certos”. “Queremos que as pessoas possam cantar junto e trazer hits que lembrem momentos especiais da vida delas.”

O projeto, porém, demorou a sair do papel. Em 2009, eles gravaram um show acústico para ser veiculado na televisão.

Ocorre que a emissora e gravadora delas, a Sony, não entraram em acordo sobre a



Tico Santa Cruz avisa que a banda vai tocar as canções que o público do Detonautas gosta

# ‘Todo mundo já sabe o que nós pensamos’

transmissão. O projeto, que também envolvia uma turnê acústica, acabou engavetado. Após o imbróglho, os músicos saíram da gravadora e trabalharam de forma independente por quase uma década.

As gravações, porém, foram disponibilizadas no canal que a banda tem no YouTube. “Aí, elas começaram a dar frutos por conta própria e de forma orgânica.” Sem investimento ou divulgação, os registros acumularam milhões de visualizações na plataforma. Exemplo disso é o vídeo de “Olhos Certos”, visto mais de 80 milhões de vezes.

Para Tico, o sucesso aconteceu porque o material atraiu a atenção de pessoas que, em geral, não escutam rock. “Às vezes, o cara não é tão ligado a esse estilo por não gostar tanto de guitarra, mas escuta música no violão, porque faz mais sentido para ele. A gente conseguiu atingir públicos variados.”

Ao perceber o potencial das gravações, a Sony recontratou o quinteto em 2019 para um disco acústico e uma turnê baseada no trabalho. Quando começaram a ensaiar, fo-

ram surpreendidos por um novo adiamento, dessa vez causado pela pandemia. Em razão da crise sanitária, eles só conseguiram lançar a obra no ano passado.

Intitulado “20 anos - Acústico”, o trabalho celebra as duas décadas de lançamento de “Detonautas Roque Clube”, primeiro disco do quinteto.

“Tudo tem seu tempo”, diz Tico. “A gente está vindo agora mais maduro, com mais experiência e com um repertório maior. No final das contas, até valeu a pena não ter lançado o acústico naquela época.”

Além de sucessos antigos, o disco trouxe a inédita “Aposta”, canção apaziguadora na qual Tico canta que está apostando no amor. É uma mudança drástica em comparação aos trabalhos anteriores.

A proposta da nova turnê faz lembrar a leveza dos anos iniciais do grupo, que surgiu nos primórdios da internet.

Em 1997, Tico perguntou em um chat popular na época se alguém queria formar uma banda. Recebeu respostas positivas e

decidiu entrar no estúdio. “Ninguém sabia tocar. Era tudo na vontade de querer fazer as coisas acontecerem.”

Levou cinco anos para que eles conseguissem lançar o primeiro disco, trabalho que trouxe hits com versos desprezíveis. Naquele momento, os sucessos do grupo passavam ao largo da crítica social. No lugar disso, ganhava relevo letras cheias de esperança e romantismo.

Não à toa, algumas de suas músicas viraram trilha da novela adolescente “Malhação”, exibida entre 1995 e 2019 na TV Globo. Exemplos são “Só por Hoje”, “Verdades do Mundo” e “Quando o Sol se For” - possivelmente o hit mais conhecido do grupo.

São canções que tocavam à exaustão na antiga MTV Brasil e que fazem parte da memória afetiva dos fãs. “Ainda que possam soar um pouco ingênuas, elas têm um aspecto emocional muito forte na vida das pessoas”, diz Tico. “É esse o poder da música. Ela funciona como uma máquina do tempo.”

## ENTREVISTA / ACHILLE MBEMPE, ESCRITOR E FILÓSOFO

Reprodução Instagram

Por **Gustavo Zeitel** (Folhapress)

**U**m dos mais importantes pensadores do mundo, o camaronês Achille Mbembe, de 66 anos, rejeita simplificações ao falar sobre as ruínas da geopolítica contemporânea. Ele recorre à cosmogonia africana, com alegorias e imagens poéticas, para profetizar a invenção de um futuro, oposto ao tempo presente, desmantelado pelas bombas que caem a cada minuto sobre Gaza e que está ameaçado pelas mudanças climáticas e pelo uso de novas tecnologias.

Mbembe anuncia a falência da hegemonia ocidental, criticando o modelo socioeconômico dominante no século 21. “Creio que o neoliberalismo é incompatível com a democracia liberal”, diz.

Professor de história e ciências políticas da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, na África do Sul, Mbembe é autor de livros fundamentais para a teoria decolonial, como “Crítica da Razão Negra” e “Necropolítica”, ambos publicados no Brasil há seis anos.

Por aqui, seu pensamento logo se espalhou na academia e na imprensa, se tornando uma chave para a compreensão dos dilemas históricos da sociedade brasileira. O conceito de necropolítica faz referência ao poder das forças opressivas do Estado em decidir quem deve viver e quem deve morrer. No livro, Mbembe traça um panorama histórico, mostrando como a morte sempre permeou o cotidiano do povo negro.

Ele lembra a exploração escravidão no sistema de “plantation” e usa a Palestina como um dos exemplos de necropolítica da atualidade. Seu progressismo, no entanto, se retrai quando indagado sobre uma possível solução de dois Estados. “O que você quer que eu diga? Minha voz não conta nessas questões. Essa questão me ultrapassa. Essa pergunta deve ser feita aos poderosos do mundo”, afirma.

De todo modo, o conceito de necropolítica não é impróprio ao que acontece nas periferias daqui.



Achille Mbembe, pensador camaronês, criou o conceito de necropolítica

# ‘Capitalismo é incompatível com democracia’

Um estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em parceria com a UNICEF, aponta que 80% das mortes violentas de jovens, entre 2016 e 2020, eram de negros. Decerto, é um apagamento que se estende a subjetividades das relações raciais.

Em “Crítica da Razão Negra”, Mbembe descreve um processo de questionamento à centralidade do pensamento branco, sobretudo europeu, nas ciências humanas e nas representações artísticas.

Na entrevista a seguir, concedida por videoconferência, ele fala sobre o tema de sua aula, as relações entre democracia e internet, discorre sobre a identidade do Brasil, país que se reconhece a cada dia mais negro, e sobre a violência das guerras.

**Como o uso das redes sociais pode afetar a democracia?**

**ACHILLEMbEMBE** - Acho que há uma enorme tensão entre a democracia e as redes sociais. Primeiro, porque o neoliberalismo é

incompatível com a democracia liberal. E ainda há outra tensão, que devemos perceber, a necessidade de democratizar esse acesso a todas essas ferramentas de tecnologia.

**Em que medida o senhor pensa ser necessário cada país reparar as suas legislações, a fim de evitar a disseminação de fake news em sites de big techs?**

Penso que essa não é uma discussão que deve ser resolvida unicamente no plano nacional. As fronteiras dessas empresas estão em todos os lugares e não podem ser enquadradas de acordo com a noção de Estado-nação. Penso que é preciso existir uma regulação transnacional, mas isso é muito complicado. As forças do mercado tendem a se autonomizar em relação às forças políticas.

**Em sua obra, o senhor cita o exemplo da Palestina como um exemplo de necropolítica. Como avalia a situação em Gaza neste momento?**

Aqui, o governo da África do Sul foi até Haia exigir um cessar-fogo. Temos a experiência do apartheid, que foi totalmente singular, mas mostrou que o direito à vingança não nos conduz exatamente à paz. A experiência sul-africana pode ser significativa para mostrar que os conflitos aparentemente intratáveis podem ter uma solução.

**O senhor defende a solução de dois Estados?**

O que você quer que eu diga? Minha voz não conta nessas questões. Essa questão me ultrapassa. Essa pergunta deve ser feita aos poderosos do mundo.

**De que modo a ocupação de um território é central para o exercício da necropolítica?**

Nossas vidas estão ligadas a um território. Para viver e existir, é preciso ter os pés em um solo. O território é o cordão umbilical, que nos liga à memória e ao futuro. Se estamos presos em um território, estamos impedidos de construir

uma memória ou até mesmo reconhecermos nosso próprio nome.

**Até que ponto o conceito de necropolítica explica a violência contra os jovens negros no Brasil?**

É a maneira como lidamos com a vida. É preciso que o valor das vidas seja igual. E não falo só das vidas humanas. Falo dos animais e da natureza, ela própria. Venho da África e estou atento à cosmogonia. Para a população negra brasileira, creio que a necropolítica se traduz num sentimento de impossibilidade de se tornar ancestral.

**Pouco a pouco, a população brasileira reconhece sua identidade negra. Por que tanta dificuldade histórica nesse reconhecimento?**

Porque o significante “negro”, na história da modernidade, sempre foi o equivalente a nada. As pessoas não querem ser nada. As pessoas querem ser alguma coisa. A ideia de ser negro provoca muito medo nas pessoas.

**A miscigenação é necessariamente negativa?**

Não, mas a miscigenação histórica é resultado da violência, não da harmonia. A miscigenação é o símbolo do encontro e os encontros sempre tiveram de ser negociados e devem ser construídos para o futuro. A melhor construção é aquela que se desenvolve numa base de igualdade, não sob o signo do estupro.

**Em “Crítica da Razão Negra”, o senhor discorre sobre a representação artística. De que maneira devemos lidar com uma herança artística que vê o negro como exótico?**

Não devemos apagar nada. Entretanto, devemos olhar tudo com novos olhos. Isso exige recontextualizar as expressões artísticas. É preciso, portanto, sempre desconfiar das nossas faculdades críticas. Penso que uma das funções da arte contemporânea é abrir os nossos sentidos. A prática artística deve reencontrar sua função libertadora.

UM BOM JORNAL  
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA  
E NEM DE DIREITA  
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM  
DE INFORMAR  
A VERDADE  
E NÃO IMPOR  
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**  
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR  
E VONTADE DO ELEITOR .

## Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

[correiodamanha.com.br](http://correiodamanha.com.br) @correiodamanha